

João Henrique Suanno



Universidade Estadual de Goiás
suanno@uol.com.br

Anna Clara Souza Sobral




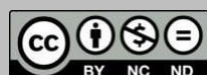
Universidade Estadual de Goiás
suanno@uol.com.br

Submetido em: 21/10/2022

Aceito em: 27/11/2022

Publicado em: 23/12/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n36p90-107](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n36p90-107)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO INTEGRAL E TRANSDISCIPLINAR DO SER HUMANO

RESUMO

O objetivo desse artigo é dialogar com a Educação Física que integra corpo, mente e alma, em uma metodologia transdisciplinar de educar que não fragmente o corpo humano. Fundamentamos essa conversa na teoria da complexidade e em autores que lutam pelo pensamento crítico nos processos educativos e nas aulas de educação física, sendo os principais: Alves, M.D. (2015); Darido e Oliveira (2008); Medina (1987).; Morin (2000); Sadi (2010); Suanno, J.H.S (2014,2015); Suanno, M.V. (2013). Na pesquisa de campo percorremos os caminhos da fenomenologia na intenção de entrevistar quatro professores; através de cartas, escreveram livremente sobre sua profissão e métodos de ensino, com perguntas norteadoras para que refletissem sobre seu papel como professor em educar o corpo e mente. Concluímos que a integração da educação física com a subjetividade de praticar algum exercício físico e, em meio a tantas imposições sociais, é também uma estratégia transdisciplinar que acessa o SER de cada pessoa, como momento da prática educativa e de se conhecer e se amar.

Palavras-chave: Educação Física, Complexidade, Integrar. Transdisciplinaridade.

PHYSICAL EDUCATION IN COMPREHENSIVE TRAINING AND TRANSDISCIPLINARY OF THE HUMAN BEING

ABSTRACT

The objective of this article is to dialogue with Physical Education that integrates body, mind and soul, in a transdisciplinary methodology of educating that does not fragment the human body. We base this conversation on the theory of complexity and on authors who fight for critical thinking in educational processes and in physical education classes, the main ones being: Alves, M.D. (2015); Darido and Oliveira (2008); Medina (1987).; Morin (2000); Sadi (2010); Suanno, J.H.S (2014,2015); Suanno, M.V. (2013). In the field research we followed the paths of phenomenology with the intention of interviewing four professors; through letters, they wrote freely about their profession and teaching methods, with guiding questions for them to reflect on their role as a teacher in educating the body and mind. We conclude that the integration of physical education with the subjectivity of practicing some physical exercise and, in the midst of so many social impositions, is also a transdisciplinary strategy that accesses the BEING of each person, as a moment of educational practice and of knowing and loving each other.

Keywords: Physical Education, Complexity, Integrate. Transdisciplinarity.

LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA FORMACIÓN INTEGRAL Y TRANSDISCIPLINARIA DEL SER HUMANO

RESUMEN

El objetivo de este artículo es dialogar con la Educación Física que integra cuerpo, mente y alma, en una metodología transdisciplinar de educar que no fragmenta el cuerpo humano. Basamos esta conversación en la teoría de la complejidad y en autores que luchan por el pensamiento crítico en los procesos educativos y en las clases de educación física, siendo los principales: Alves, M.D. (2015); Darido y Oliveira (2008); Medina (1987).; Morin (2000); Sadi (2010); Suanno, JHS (2014,2015); Suanno, M. V. (2013). En la investigación de campo seguimos los caminos de la fenomenología con la intención de entrevistar a cuatro profesores; a través de cartas, escribieron libremente sobre su profesión y métodos de enseñanza, con preguntas orientadoras para reflexionar sobre su papel como docentes en la educación del cuerpo y la mente. Concluimos que la integración de la educación física con la subjetividad de practicar algún ejercicio físico y, en medio de tantas imposiciones sociales, es también una estrategia transdisciplinar que accede al SER de cada persona, como momento de práctica educativa y de saber y amándonos unos a otros.

Palabras clave: Educación Física, Complejidad, Integrar. Transdisciplinariedad.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma ciência que investiga o SER humano em várias dimensões: Psicológicas, Físicas, Sociais, Espirituais e tantas outras as quais pudermos imaginar o ser, seu corpo e todas as relações estabelecidas por cada pessoa no mundo em que habita. Dentro dessa ciência conseguimos mergulhar nas profundezas e superfícies de nossa espécie. Ao longo da história humana o movimento corporal foi sendo explorado e nunca deixou de fazer parte das práticas sociais da humanidade, desde os primeiros registros existem manifestações corporais, sejam elas sistematizadas ou livres. Atualmente o culto ao corpo puramente biológico, a educação física apresenta um Ser humano Fragmentado. Os esportes, as academias de ginásticas, as escolas estão se deixando engolir por aspectos rasos do ser humano e da sociedade, como preocupação com estética, com corpo belo, musculaturas bem visíveis, espírito competitivo. É possível através da Educação Física o ser humano se conectar com sua essência e transcender esses padrões impostos pela sociedade atual e poder sentir a integralidade do seu SER?

No decorrer deste artigo apresentarei um diálogo com a teoria da complexidade, para que possamos refletir juntos sobre o papel do professor de educação física que forma alunos conscientes e autônomos nesse assunto. Apresento quatro entrevistas com professores de educação física, uma professora do ensino escolar, um professor de natação há 40 anos, uma professora de recreação infantil e um professor de dança. As entrevistas foram realizadas com perguntas norteadoras e os entrevistados responderam livremente, através de uma carta, a descrição do que eles almejam como professores de educação física e como planejam e executam suas aulas.

O objetivo principal é clarear os pensamentos do leitor acerca da Educação Física que pode integrar as dimensões do ser humano, na luz da complexidade. Através das cartas busco especificar que professores de modalidades diferentes, podem pensar suas aulas de forma livre e para além de uma educação física tecnicista e fragmentada. Mudar os caminhos que foram ensinados a seguir do que representa o corpo e os seus movimentos corporais.

O pensamento crítico, a autonomia dos alunos, criatividade, inclusão, adaptação, amor, amizade, fisiologia, coordenação motora, táticas, jogos, brincadeiras, aspectos que são trabalhos nas aulas desses professores. Através da Educação Física aprender que somos seres humanos que sentimos emoções, que respiramos, que temos

consciência, que pensamos e podemos agir com maestria e percepção integral nas dimensões diárias da vida.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA E A COMPLEXIDADE

Mauro Betti (1994, p. 74) diz que “o professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir e o seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento.” Alguns questionamentos devem ser feitos pelos alunos que praticam educação física, a modalidade e a intensidade são adequadas para seu corpo? Proporcionam bem-estar? Possui significado? É prazeroso? O que é fadiga? Quais são os sinais de fadiga em seu corpo? Quais condições sociais ele vive e se oferece recursos para se praticar a atividade. “A Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento” (BETTI, 1994 apud ZULLIANI e BETTI, 2002, p. 75).

Para que fazer exercícios físicos e ser saudável? Não consigo ser magro, o que faço para emagrecer? Quero ganhar uma medalha de ouro na natação, não entendo por que nunca consigo ganhar. Algumas frases que professores de educação física escutam constantemente. Observamos nessas perguntas algumas segregações impostas pela sociedade, primeiro o culto ao corpo belo, saudável, magro, flexível, com posturas plenas e em segundo a competitividade, chegar primeiro, ser vencedor. Assuntos que devem ser discutidos e explicados para que chegue a um sentido integral de por que existir educação física, e que não cause mais fragmentações, traumas e exclusões em nossa sociedade.

O corpo, no cotidiano da vida prática, está fragmentado. Encontra-se despedaçado em diversos lugares explicado e definido. O próprio corpo é um lugar dos diversos eus que formam as personalidades do caráter de uma pessoa. Muitas vezes se olha o corpo como receptáculo inerte para alguma forma de vida determinada pela alma. Como se o corpo não pensasse, não agisse e não sentisse, não funcionasse por si mesmo, como ser autônomo, embora não tenha desenvolvido essa reflexão. Aristóteles reconheceu o caráter instrumental do corpo e da alma. Para o filósofo grego, o corpo não era mero instrumento inanimado para a alma que o animaria. Em Aristóteles, o corpo pulsa, a digestão e a cicatrização revelam que a vida acontece no corpo, que se realiza sem que a alma tenha consciência disto. Na modernidade os sentidos do corpo pertencem às fadigas da máquina. Adaptados à rotina da instrumentalidade do corpo e da alma, os corpos

“autônomos” parecem autômatos. Corpos são fabricados e medidos e ao mesmo tempo corpos estranhos e desmedidos. O corpo cotidiano é o corpo real concreto (o corpo de alguém) que pode ser chamado de corpo biopsicossocial. É o corpo visto pelo ângulo da cultura corporal, simbolizado através do vivido, não menos adaptado a um modo de vida, a um modo de produção. É um corpo formado para ser mão de obra: mercadoria.

Quando digo educação física Integral, relaciono com o aprender sobre o corpo que nos faça compreender a objetividade e à apropriação (subjetividade ou individualidade) do corpo, numa relação entre o interior e o exterior ao corpo. Completa Alves (2015, p. 4)

prender *com* e sobre a Natureza. Como ela (organismo-vivo), somos sensíveis, imprevisíveis e amorosos. Somos seres plenos de cognição e vivemos sistemicamente. Não somos máquina, somos vida pulsante, delirante. Contudo, a incompreensão sobre nossos seres e modos de viver sistêmicos trouxe-nos ameaças. Várias ameaças. Mas, também algumas lições. E, talvez uma das grandes lições que tenhamos que aprender, nesse momento, seja sobre o aprender, dos muitos modos de apreender. Sobre o aprender humano e planetário, sensível, amoroso, que carrega em si inúmeros saberes, por nós ainda desconhecidos.

Que aprender é esse que não é o aprender da máquina? É um aprender que está nas entranhas do ser e do sentido. Um aprender que somente é aprendido quando é sentido e faz sentido? Um aprender que se corporifica e que sustenta a vida. Paraphraseando Maturana (2001), aprender, conhecer é viver.

O ser humano vive e ele possui características individuais e coletivas. Os ambientes onde se praticam exercícios físicos são possivelmente formados por indivíduos sensíveis, amorosos, hiperativos, investigadores, curiosos, criadores, especulares. Imagine em uma sala de aula onde as crianças ficam por várias horas sentadas, olhando para um quadro e quando chegam à aula de Ed. Física elas podem extravasar um pouco essa energia acumulada e o professor passa uma atividade totalmente controladora e cronometrada. Pensa em uma academia de ginástica frequentada por adultos ou idosos, que trabalharam a maior parte do tempo de sua vida e chega um professor que o motiva a se esgotar em exercícios físicos que não fazem o menor sentido para a rotina que ele tem. Exercícios que talvez façam sentido para o professor e para a sociedade, mas não para a essência do próprio aluno.

Em contramão com a realidade apresentada acima, Darido e Oliveria (2009, p. 209) dizem “espera-se que na educação física o aluno seja autônomo em relação à cultura corporal, ou seja, tenha após um período formal de aulas, condições de manter um programa de atividade física regular”. O Aluno precisa reivindicar mais espaços de lazer em sua comunidade, compreender o papel dos esportes na cultura brasileira, zelar pelo meio ambiente, respeitar os diferentes grupos étnicos, compreender as diferenças de

gêneros e suas possibilidades. Aspectos que mostre aos alunos que eles são seres atuantes e transformadores da sociedade.

O professor de educação física ao escolher o conteúdo de suas aulas deve levar em conta princípios de individualidade e coletividades dos alunos.

Em uma perspectiva cognitiva transdisciplinar deve-se levar em conta a vivência do aluno, suas experiências vividas, contextualizar conteúdos estudados sabendo que ele é um sujeito de emoção e assim devemos considerá-lo como parte do processo, ou seja, como terceiro incluído, vendo-o como um ser de afetividade, de problemas, de alegrias e de vários sentimentos que fazem parte da sua vida cotidiana e afeta, diretamente, seu processo de aprendizagem como sujeito completo, que aprende de forma ampla e completa, por meio do corpo, das emoções e da razão (SUANNO, J.H., 2010 apud SUANNO, J.H., 2017, p. 7).

Darido e Oliveira (2009) nos apresentam um programa de ensino da Educação Física, chamado “programa do segundo tempo” que tem como objetivos democratizar o acesso ao esporte como forma de inclusão social e oferecer práticas educacionais estimulando o desenvolvimento integral.

Classificam o conteúdo em três importantes dimensões. A) Conceituais, conhecer as transformações sociais em que a sociedade passou em relação aos hábitos em função das tecnologias e em qual situação estamos hoje. B) Atitudinais, respeitar colegas e parceiros de turma, resolver problemas com diálogo e não violência, propor cooperação e interação, valorizar atitudes não preconceituosas quanto ao nível de habilidade, sexo, religião e outras. C) Procedimentais, vivenciar e adquirir fundamentos básicos dos esportes, danças, lutas, ginásticas. Proporcionar ao aluno experiências de coordenação motora, tática, lúdica, psicológica (DARIDO e OLIVEIRA, 2009).

Em diálogo com a didática complexa,

Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirija à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes [...] não podemos privilegiar a inteligência do homem em relação a sua sensibilidade e ao seu corpo [...] precisamos ajudar a construir seres em permanente questionamento e em permanente integração (NICOLESCU, 2005, p. 206-207 apud SUANNO, M.V.R. 2013, p. 61).

Ao longo da história da Educação Física, prioriza-se exclusivamente a dimensão procedimental, apenas fazer movimentos e não saber sobre o fazer, não critica por que fazer, de onde vem o fazer. Muitas pessoas desistem de práticas que lhes dão verdadeiro prazer por não se sentirem incluído aquela pratica, por não serem o numero um em execução de movimentos.

Várias modalidades que temos contato hoje em dia foram criadas com propósitos de inclusão e integração. Se for analisar a história de determinadas práticas corporais que são vendidas em academias de ginásticas a grande maioria tem propostas culturais de

coletividade, lazer, saúde, reabilitação e bem-estar. Algumas mais atuais que visam um corpo belo, fragmentado e musculoso.

Medina (1987) aponta que estamos envolvidos por uma mentalidade de lucro, de TER mais, mesmo que implique SER menos. Questionar para que, por que, para quem se dirige a educação é papel fundamental do educador e deve ser aplicada diariamente em nosso agir.

O professor de educação física deve ir contra a maré, tomar consciência da importância de educar corpo e mente, perceber transformações que acontece internamente e externamente no SER humano quando se pratica exercícios físicos. Na própria universidade deveria existir uma mudança paradigmática do pensamento. Para Morin (2009) apud Suanno, M.V.R. (2013, p. 69) “a reforma universitária deve ser uma reforma paradigmática, reforma do pensamento, para tanto é imprescindível ir além da organização disciplinar e da formação técnica e profissional”.

Os processos de ensino intencionam mobilizar o aluno para a metacognição, para a ampliação da consciência, para a sensibilização do ser humano, a articulação entre razão, emoção e corporeidade, de modo que a percepção do sujeito seja aguçada, as potencialidades de criar inovações, ou seja, ações transformadoras do ser e da realidade (SUANNO, M.V.R, 2013 p. 67).

Olhar para a Educação Física na luz da complexidade é proporcionar uma reflexão que transcende os parâmetros biológicos. Medina (1987) diz que antes de termos um corpo nós somos um corpo, reconhecer ser um corpo é ir além do que estamos acostumados a entender como corpo. É reconhecer a cultura, a genética, os hábitos, o futuro, o passado, o presente, a personalidade, sentimentos, atitudes, transformações. É autoconhecimento, é autoestima!

3 AS CARTAS COMPLEXAS

A pesquisa de campo, realizada com quatro professores de Educação Física que atuam em áreas distintas, observou a relação do professor e o seu ambiente de ensino e aprendizagem. Os dados observados foram obtidos através de cartas, dispositivo que captura as subjetividades do público observado. Foi solicitado a cada participante escrever uma carta sobre a sua relação com a educação física, percepção como professores, suas atitudes em aula e o que almejam como profissionais que auxiliam na educação de corpo, mente e alma. Os critérios em comum entre os participantes são: ter concluído o ensino superior em educação física e atuar na área.

A análise confronta os dados obtidos nas cartas como amostra para uma reflexão na luz da teoria da complexidade. A possível integralidade do corpo por meio da educação física nas palavras dos próprios professores. A idade não foi um critério de relevância, pois busco relatos de pessoas que tenha o contato com a Educação Física há mais de 1 ano e possam, por isso, descrever com certa familiaridade sua relação com a área.

A entrevista utilizou perguntas geradoras para a reflexão: 1. Por que escolheu ser professor de Educação Física? 2. Qual o sentimento pela sua profissão? 3. Como estrutura suas aulas? Visa somente aspectos físicos? 4. O que você almeja como profissional da área? Gostaria de completar com alguma coisa? Sinta-se livre.

Em pesquisas fenomenológicas o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. O foco está em considerar o que está presente na consciência dos sujeitos. “O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. Interessa aquilo que é sabido, posto em dúvida, amado, odiado.” (BOCHENSKI, 1962 apud GIL, 2008, p. 27). “O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2008, p. 33).

As fenomenologias possibilitariam investigar a “essência do corpo”, chegar à sua natureza própria como um fenômeno, pois, ainda que o corpo possa aparecer como “[...] objeto, sua essencialidade pode ser compreendida ao olhá-lo como ‘sendo com’, isto é, andando, falando, relacionando-se com os outros” (MOREIRA, 1991, p. 51 apud ALMEIDA, BRACHT e GHIDETTI, 2013).

Segundo Almeida, Bracht e Ghidetti (2013) Os autores Souza e Silva (1990) e Santin (1994) começam a interlocução entre a educação física e a fenomenologia com Merleau Ponty paralelo com a corporeidade, fala da dicotomia clássica entre sujeito e objeto, ele é o defensor da unidade plena do homem, não a unidade que se faz pela soma das partes, mas a unidade que, de forma alguma pode ser separada por partes.

Esta unidade proposta não é pensada como sacrifício de alguma dimensão do homem, muito menos pelo processo reducionista, onde só se fica com uma das partes como sendo o todo. A explicitação desta unidade aparece na Fenomenologia da Percepção, na primeira parte (p. 81, 232), dedicada ao corpo. A unidade humana se daria como corporeidade. Afirmo Merleau Ponty: ‘realmente, eu não tenho corpo, mas sou corpo (SANTIN 1994 apud ALMEIDA, BRACHT E GHIDETTI, 2013 p. 85).

A educação física passa a ensinar e a ajudar viver e sentir-se corporalmente. Este objetivo, “Passaria a ser fundamental na educação física, na medida em que ele é o suporte básico do próprio modo de ser do homem” (SARTIN, 1987, p. 50).

É essa redefinição da educação física, a partir do conceito de corporeidade, que utiliza Santin em sua crítica à concepção de corpo-máquina, ao dualismo corpo alma e à noção de movimento sem intencionalidade ou expressividade, porque reduzido à sua dimensão mecânica, estereotipada (como no caso dos esportes de alto rendimento) (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013, p. 85).

Abordei as descrições por meio de uma carta com propósito de ver as experiências vividas e descritas pelos sujeitos pesquisados. Ao escrever uma carta sobre a Educação Física em sua vida o sujeito teve que expor uma reflexão subjetiva sobre a relação da profissão com si mesmo.

3.1 CARTA I

O primeiro entrevistado começa a carta falando que em meio às indecisões da vida escolheu educação física pelo seu amor à Dança, atualmente ele atua como professor de dança tem 24 anos e completou a graduação em 2018.

“A escolha surgiu em meio a muitas indecisões. Nunca tive muita afinidade com a área durante o ensino regular (fundamental e médio), com exceção dos esportes vôlei e handball. Tomei a decisão de cursar Educação Física pelo amor à dança, acreditando desde o início que poderia ser um curso que me auxiliasse a entender um pouco mais a modalidade que gostava. Ao longo da graduação pude encontrar sentido naquilo que sempre gostei, ou pelo menos, acho que gosto: arte, corpo e dança. Uso o termo ‘acho’, pois durante e até mesmo hoje, um ano depois do término da faculdade, me pego perguntando se é isso realmente o que quero fazer e o porquê de ter escolhido essa profissão. A satisfação também vem seguida de muitas dúvidas pessoais e profissionais. Entender a Educação Física além da sala de musculação foi primordial para a construção do meu conhecimento e desenvolvimento de uma nova visão acerca do mundo. A Arte tem essa força de fazer com que nossos sentidos e interpretações acerca da realidade sejam reconstruídos a todo momento. Logo, o sentimento é de satisfação e independência por saber que a dança está dentro de mim e é existente a possibilidade de exercer essa profissão, diante do caos social em que vivemos, de forma consciente e

saudável. O trabalho nos liga à mecanização e talvez até mesmo à obrigatoriedade, mas quando fazemos o que realmente toca nosso coração, fazemos de forma mais leve. Trabalhar com o corpo, poder me expressar e possibilitar os (as) alunos(as) em uma aula de dança a também se expressarem é o maior prazer da minha vida. O sentimento é indescritível. As minhas aulas são estruturadas no tempo de 50 minutos. As coreografias são pensadas de acordo com a habilidade da turma visando gasto energético e bem estar mental. Ao trabalhar com o público de 40 anos para cima reconheço a necessidade de uma aula com menos complexidade coreográfica. Desde 2014, essa última faixa etária tem me dado respostas muito importantes. Diariamente as alunas com idade mais avançada me presenteiam ao dizer que durante a aula elas esquecem os problemas e das obrigações diárias e como a dança faz elas se sentirem bem com elas mesmas. Essa fala me traz sentimento de gratidão a Educação Física e se torna o motivo de eu ter escolhido e sentido que deveria e ainda devo trabalhar com dança, entendendo o ritmo como parte da vida humana, da construção social e de como a música e o movimentar-se pode trazer benefícios ao ser humano”

Observamos nas palavras do entrevistado uma constante reconstrução e transformação de si perante a profissão escolhida, nos diz que se liberta ensinando, aprende ensinando e tenta transmitir liberdade de expressão por meio da dança. Que faz de seu trabalho um alimento de amor e prazer para que não entre em desgosto cotidiano como o trabalho é imposto nesse sistema em que vivemos.

Alves (2015, p. 8) diz que

O físico Maharishi Maheshi Yogi (apud MORAES 2008.), uma das maiores autoridades no campo da consciência humana na Índia, nos diz que toda fala, toda ação e todo comportamento são flutuações de energia da consciência. Que toda a vida é mantida pela consciência. Sendo o universo inteiro expressão da consciência, toda a realidade do universo é um oceano ilimitado de consciência em movimento. Compreendendo essas relações pela abordagem ecossistêmica, percebemos o indivíduo inserido dentro de um todo, em relação e em constante movimento. Construindo-se, desconstruindo-se e reconstruindo-se indefinidamente e na inter-relação com o sistema, no qual partes e todo se retroalimentam.

Através da Educação física o professor adquire consciência de que é um movimento de expressão libertador e busca transmitir isso para os alunos, é um ato de integralidade de valor a vida.

Seguindo nesse nosso desejo de conexão, de religação do humano e dos saberes, compreendemos a complexidade de toda essa inter-relação, sujeito-organismo-meio-natureza como fatores constitutivos da realidade e da vida, inerente à dinâmica do viver. Isto significa que a complexidade, a tessitura das relações, é o que possibilita a vida e favorece o desenvolvimento da inteligência,

do pensamento, da aprendizagem, bem como, a evolução dos sistemas vivos (ALVES, 2015 p. 8).

Em suas aulas possui grande heterogeneidade de corpos, ritmos, estilos, idades, condicionamentos físicos etc. Em meio a essa diversidade o professor tenta fazer um método para que todos consiga fazer em seu tempo e em seu ritmo. Distanciando da técnica e do embelezamento do corpo físico, mas sim espera que as alunas adquiram condicionamento físico e bem-estar.

3.2 CARTA II

A segunda professora entrevistada relata sobre o seu amor pela profissão ter começado desde a infância e apresenta como que a educação física é de importância para a integralidade de seu ser e a forma que tenta ensinar seus alunos a sentirem o mesmo.

“Desde criança eu sempre admirei muito o trabalho dos professores. Sempre achei corajoso, bonito, inteligente, poderoso, uma profissão que, para mim, realmente era diferente de todas as outras e por isso eu sempre dizia que seria professora quando crescesse. Ainda criança, tive muito contato com o esporte, participava de campeonatos e levava muito a sério as aulas de Educação Física na escola e foi então que eu vi a oportunidade de conciliar as duas coisas, ser uma professora de Educação Física. A maior dificuldade que eu encontrei com essa decisão foi ao fazer o vestibular e constatar que eu deveria escolher entre ser uma professora de Educação Física na escola ou então atuar nos campos não escolares, com o esporte, por exemplo e eu queria os dois ao mesmo tempo. Por fim, acabei optando por fazer a licenciatura em Educação Física e durante o curso eu pude compreender que enquanto professora dessa área eu tenho uma responsabilidade muito grande na busca do pensamento crítico para desmistificar pré-conceitos impostos pelo senso comum sobre tudo o que envolve a Educação Física, sou responsável pela educação de qualidade do meu aluno, pela educação inclusiva, pela transformação social que as aulas e a relação professor-aluno podem proporcionar e é através desse sentimento de responsabilidade que tento planejar as minhas aulas. Atualmente dou aula de recreação infantil, para montar a estrutura da aula eu a faço de forma muito objetiva, colocando apenas o nome da atividade. Entretanto, a intervenção não ocorre apenas de forma motora e mecânica, mas sim, trazendo coerência nas atividades que desenvolvam o aluno de forma completa, de forma inclusiva já que são

crianças de várias idades, com comportamentos diversificados e dificuldades particulares. O local que trabalho dificulta aprofundar alguns aspectos atitudinais e conceituais por se tratar de um ambiente não formal, onde as condições sociais são muito boas e luxuosas, mas não impede que mesmo minimamente ou em situações específicas possamos elencar esses aspectos. Diante de todo o percurso que fiz até chegar aqui, o meu maior desejo é usar da minha responsabilidade para contribuir com a formação profissional de todos aqueles que desejam atuar nessa área, é levar o discente de graduação em Educação Física o mais próximo da realidade de trabalho e mostrar que a Educação Física não se limita facilmente.”

Vindo de uma raiz de competições e campeonatos a professora enxergou além, faz de suas aulas um espaço de inclusão e aceitação do outro, um espaço de respeito e unidade com todos. Busca enfrentar as dificuldades apresentadas entre os alunos e mostrar para eles o prazer em se praticar esporte mesmo não sendo o melhor ou o número um.

Entrou em contato com o curso de educação física que foi apresentado de forma integral. A educação física fragmentada que ela conhecia era uma parte do mundo complexo de informações que se conheceu durante sua formação. Sant’ana, Sabota e Suanno, J.H. (2017) apud Moraes (2012, p. 174) nos fala sobre o pensamento cartesiano que “fragmentou o sujeito humano em espírito e matéria, razão e emoção, mente e corporeidade.” As dimensões da subjetividade, da emoção, da arte, da espiritualidade e da imaginação foram desvalorizadas. Passamos a engolir uma educação assentada na intelectualidade pura, na fragmentação dos saberes e da vida, no descolamento entre conteúdos e realidade sociocultural (SANT’ANA, SABOTA e SUANNO, J.H. 2017 apud MORAES, 2012, p. 174).

A professora nos diz que o costuma deixar o objetivo traçado em apenas um título, os níveis dos alunos e as idades são diversificadas por isso lida com incertezas de público diariamente. Mas que sempre busca a inclusão de todos em sua aula. Completo com um trecho que Sant’ana, Sabota e Suanno, J.H. (2017) apresenta sobre o ensino na complexidade que segundo Morin (2007) o pensamento complexo exige religar o entrelaçamento que foi fragmentado e fazer com que certezas e incertezas interajam.

“O pensar complexo também evoca a noção de que o ser humano é ao mesmo tempo biológico, cultural, físico, psíquico, social, histórico e espiritual, isto é, multidimensional, sendo que estas dimensões interagem entre si.” (SANT’ANA, SABOTA, SUANNO, J.H. 2017, p. 175)

Ainda relacionando a fala da professora sobre o pensar crítico na educação física e a inclusão de todos no momento da prática.

M.V.R. Suanno (2014) considera que a transdisciplinaridade aposta em uma maneira de conhecer e de produzir conhecimento por meio da religação de conhecimentos, estabelecendo diálogos integradores a fim de que a capacidade humana de percepção, compreensão e transformação seja potencializada (SANT'ANA, SABOTA, SUANNO, J.H. 2017 p.175).

Nessas palavras observamos a importância se de ter metodologias que proporcionem uma aprendizagem criativa, “que seja mobilizada com uma aplicação ativa e crítica por parte do aluno” (AMARAL, 2011, p. 16 apud SUANNO, J.H. 2014).

Essas escolas conseguem aliar a afetividade de forma efetiva na aprendizagem de seus alunos, privilegiando um sentipensar nos conteúdos, fatos e planos de ações dentro da escola. Sentipensar, termo criado por Torre (1999), indica O processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento [...], é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar (TORRE, 1999, p. 1 apud SUNNO, J.H 2014).

Nas aulas de Educação Física é possível conectar o sentir, pensar e agir. O professor precisa se interessar por essa abordagem metodológica, e não somente interessar, mas conscientizar da importância criativa disso em sua vida e na vida dos alunos. Precisamos utilizar nossa energia criativa, resolver conflitos, resolver problemas, sentir na íntegra e reconhecer o progresso, reconhecer o que faltou ou o que passou, saber medir a força, aspectos que podemos trabalhar com os alunos nas aulas.

3.3 CARTA III

A terceira entrevistada optou por responder as perguntas norteadoras separadas. A entrevista era de caráter livre e assim temos a subjetividade se expressando na objetividade. “E como fator constitutivo da vida, toda essa trama complexa conduz os acontecimentos, as ações, os eventos e os processos.” (ALVES, 2015, p. 855) não poderia excluir a entrevista do material de construção desse artigo.

Seja no sentido de criação do homem enquanto sujeito da humanidade que nela hominiza-se e humaniza-se, seja na construção do conhecer e do conhecimento, não faz possível o apartamento do sujeito de sua realidade, do sujeito e objeto, do educador e educando, da objetividade e subjetividade, do sujeito, cultura e sociedade, ou mesmo, retirar do sujeito ensinante/aprendente suas qualidades como amorosidade, compaixão e sensibilidade (ALVES, 2015, p. 855).

Sendo assim, seguem as respostas da entrevistada,

- 1- *Sempre fui praticante de lutas e atividades física, foi uma curiosidade e desafio.*
- 2- *A sou apaixonada e grata pelo meu curso, pelas aprendizagens e desafios propostos durante esses 4 anos, não me arrependo por ter escolhido este como profissão.*
- 3- *Minhas aulas são estruturas a partir do conhecimento obtido, pelo livro “ Pedagogia do Esporte” e objetivos propostos pelo colégio onde exerço minha função.*
- 4- *Almejo conseguir transmitir todo conhecimento obtido e aprender cada vez mais, que eu poça ser uma profissional de destaque, mas sempre com humildade.*
- 5- *Agradecimentos mesmo pela profissional que me tornei pelos mestres que auxiliaram nisso. Que sim a Educação Física pode fazer a diferença em muitas vidas que não é uma profissão rola bola como grande parte pensa, que nós fazamos a diferença.*

Cita o Livro “Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos” de Renato Sadi (2010) nos apresentam reflexões e propostas para o ensino de educação física escolar que seja o ensino-aprendizagem de inclusão com esportes olímpicos, jogos populares. Esportes não olímpicos, práticas de exercícios físicos que agregam toda a educação física tanto escolar como não escolar. Para haver inclusão de habilidades entre os alunos e promover maior interação e motivação por parte de quem ensina e de quem aprende.

Completa agradecendo professores que ampliaram sua visão sobre a educação física e que almeja uma pedagogia que saia do padrão de “rola bola” e chegue a uma zona de transformação, de fazer o diferente. Sadi (2010) nos leva a refletir sobre o cotidiano do professor que aprende tendências que planejamentos e na hora da aula lida com novas perspectivas de ensino e acaba flexibilizando o que planejou para concluir o dever de ensinar. “Dentro desta equação, os requisitos de aprendizagem muitas vezes não estão dados, o que implica em pensar num conhecimento transversal e espiralado que ultrapasse as fronteiras das sequencias pedagógicas lineares.” (SADI, 2010, p. 23).

Trazendo para o pensamento complexo, completo com Edgar Morin apud Suanno, J.H (2017)

A ambição da complexidade é relatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Não se trata de dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões... (Edgar Morin)

Mais uma vez é evidenciada a destruição cognitiva que acontece quando se “desarticula” dimensões importantes do ser humano na hora do aprendizado. E agora pegando um gancho em fisiologia humana é possível fazer uma analogia as articulações do nosso corpo, se separarmos qualquer articulação se considera uma ruptura, lesão na

anatomia natural do corpo humano, se materializarmos isso para o ensino e aprendizagem chega a ser doloroso imaginar a quantidades de rupturas em que estamos nos submetendo por falta de conscientização.

3.4 CARTA IV

O último entrevistado surpreendeu com sua carta em formato de poesia.

EU PROFESSOR

*Sou um Professor de Educação Física
E tudo aqui indica
Que assim morrerei.
Não fiz outro curso superior,
Este me bastou.
Me realizei.*

*Conclui em 1973 minha formação.
Em 1985 fiz especialização.
Virei pedadogo.
Isto mais me professorou
E minha alma virou
Um jogo.*

*Altamente competitivo
Achei nos jogos ativo
Para me realizar.
Criado no Solimões
Vi em natação
Oportunidade sem par.*

*Do esporte fiz minhas leis,
Para meus filhos e alunos sou rei,
O esporte é minha religião.*

Meus princípios morais.

O esporte ajuda os pais

Amadurecer a criação.

Com 50 anos de profissão

Só tenho uma lamentação:

O esporte não é valorizado.

Os governantes são omissos,

Só o futebol tem serviço,

Os demais são abandonados.

E desde Edouard Claparède

Que se pede

Jogos na educação.

A regras esportivas e as técnicas

Compõem um sistema estético e ético,

Que seria nossa salvação.

O Entrevistado nos diz que se tornou professor e se realizou, sua alma virou um jogo e que por meio do esporte se adquire educação para toda família, pais, filhos, professores. O ser humano ao entrar em contato com conflitos, problemas, exercícios, gasta energia para resolver ele é estimulado a aprender e de forma livre desperta a consciência que estava adormecida dentro de si. Através do esporte relacionamos com esses conflitos no momento da prática e para quem está envolvido com aquela rotina. No caso citado é a natação de alto rendimento.

Edgar Morin (2000, p. 38) nos diz que:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

Relaciona a vida profissional e sua carreira com a família, religião e suas raízes de criação. Fez da educação física um estilo de vida, amadurecimento espiritual e intelectual. Aprimorou seus conhecimentos especializando em pedagogia e assim mesmo depois de aposentado continua dando aula de Natação. Ainda com Morin (2000) uma educação para o futuro deveria ser o ensino universal centrado nas condições humanas. “Estes

devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.” (MORIN, 2000, p. 47). Independente da matéria que se estuda deverá fazer alusão com o globo em que vivemos. Vivemos em um momento aonde uma aventura comum conduz os seres humanos.

Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” (MORIN, 2000, p. 47).

O professor se articula a Édouard Claparède que foi neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória¹ e nos diz o quanto é necessário os jogos a educação, não somente a educação física e completa fazendo uma crítica ao espírito competitivo dos esportes que são nada mais que sistemas estéticos e éticos ao invés de serem métodos de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo nos apresentou autores dentro da Educação Física que abordam uma pedagogia crítica do movimento corporal, fizemos ligação com o pensamento complexo e apresentamos profissionais de educação física que buscam uma aprendizagem integral para os alunos. Na pesquisa de campo buscou-se em cartas de professores de educação física escolar e não escolar, evidências de ensino e aprendizagem que nos mostrassem que a aula de educação física é um lugar de integralidade de corpo, mente e alma.

Ao ler as cartas observei nas falas dos professores a busca por uma educação física que proporcione aos alunos um olhar crítico sobre a atividade que se pratica. Os quatro nos falaram sobre a educação física agir em vários campos da vida de quem se pratica o exercício. Uma prática corporal que integra família, sociedade, alunos. Disseram-nos sobre ministrar aulas que proporcione bem estar e saúde antes de emagrecimento ou corpos “sarados”, aulas que fizessem inclusão de todos mesmo os que não são habilidosos, aulas mais humanas sem segregação de talentos, cores, gênero e até idade.

O professor de dança nos diz que planeja aulas que todos consigam praticar, desde os alunos mais antigos até os mais iniciantes. A professora de recreação enxergou na profissão um lugar de grande responsabilidade social e que o pensamento crítico deve

¹ Retirado de https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89douard_Manet, agosto de 2019.

sempre auxiliá-la para desmistificar pré-conceitos impostos pelo senso comum sobre tudo que envolve a educação física. A terceira entrevistada com respostas objetivas e rápidas nos mostrou que tenta sempre agir com humildade e respeito com a profissão que escolheu pois também pode enxergar a responsabilidade que é dar aulas de Educação Física, na graduação teve essas percepções libertadoras quando se trabalha por amor, além do que o sistema nos impõe sobre o que é trabalhar.

Encerro essa conversa com quarta carta que foi uma poesia escrita por um professor de natação. Quem diria que Professores de educação Física também escrevem poesias?!?! Isso chega a ser irônico, muitos lugares em que vamos, as pessoas pré-julgam o profissional de educação física como alguém puramente de raciocínio biológico e técnico, e esse professor nos mostrou a técnica em meio a subjetividade poética, atrelou as rimas com a emancipação do ser humano através do esporte e também o seu pensamento crítico sobre as exigências estéticas e éticas do esporte de alto rendimento.

A natureza nos coloca aqui com cinco sentidos e esses sentidos foram alienados dentro do próprio corpo. O corpo não sente, não pensa, não age por si. Ficamos distantes de ter contato com a própria essência, limitando a criatividade e espontaneidade. Vivemos em uma liberdade exterior, condicionada pela mídia e o dinheiro, que nos distancia da subjetividade e liberdade interior. Somos condicionados a nascer, viver e morrer em prol de um sistema de produção que se alimenta da nossa força de trabalho e toda energia vital. Por falta de “tempo” o momento de individualizar-se e buscar o ser que habita o corpo e o corpo que habita o ser, não existe para algumas pessoas.

Todos nós temos direitos de ser livres de corpo, mente e alma. Buscar o exercício físico deveria ser esse momento, mas infelizmente ainda não estamos nesse grau de evolução planetária. Em busca desse crescimento é necessário olhar para a educação, mais especificadamente educação física, que foi o meu objeto de estudo, com olhos de integralidade, uma integralidade que é natural do ser humano.

Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes (MORIN, 2000, p. 48).

E continuo relacionando o ensino e aprendizagem ao corpo humano e sua anatomia natural. Da mesma forma que temos os membros externos, visíveis aos nossos olhos, internamente temos os nossos membros para criação, para haver evolução planetária precisa-se lembrar os conhecimentos naturais, para situar a condição

humana no mundo. Evidenciar a complexidade humana e entender que estamos passando por um processo “curativo” na educação, todos juntos estamos amadurecendo ideias e materializando-as, é um processo de evolução em conjunto e cabe ao professor se atentar a isso, pois eles são faróis que podem ajudar a iluminar o caminho da consciência de seus alunos e a sua própria consciência.

E como fazer isso? Exatamente não sei, mas cabe a nós professores pesquisar, estudar e aplicar métodos de remembramentos cognitivos, fisiológicos, inclusivos, ecológicos, perceptivos com nossos alunos e perguntar a eles, questioná-los, sobre suas aprendizagens com a educação física. E juntos iremos á busca de um mundo melhor respeitando a natureza do planeta que habitamos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes - **Reflexões sobre aprendizagem: de Piaget a Maturana** – 2015.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto - **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas** – 2002.

DARIDO, Suraya Critina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli - **Procedimentos metodológicos para o programa segundo tempo.** - 2008.

MEDINA, João Paulo Subirá, **Educação Física cuida do corpo... e “mente”** – campinas – 7ª edição. 1987.

MORIN, Edgar - **Os sete saberes necessários à educação do futuro** – 2. ed. – UNESCO, 2000.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos** – 2010.

SANT'ANA, Jhonnatas Vilas Boas; SUANNO, João Henrique; SABOTA. Barbra - **Educação 3.0, complexidade e transdisciplinaridade: um estudo teórico para além das tecnologias** – 2017.

SUANNO, João Henrique - **EMOÇÃO, COGNIÇÃO E CORPOREIDADE: os sete saberes necessários à educação do futuro na sala de aula do presente**¹ – 2015.

SUANNO, João Henrique.- **Escola criativa: o ser, suas aprendizagens, suas relações humanas e o desenvolvimento de valores.** 2014.

SUANNO, Marilza Vanessa - **Outra finalidade para a Educação: emerge uma didática complexa e transdisciplinar.** – 2013.